

## Na língua dos quês

Ana Martins, 22.07.2009

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/pelourinho/na-lingua-dos-ques/2104>

*Sobre o excesso de orações subordinadas numa mesma frase — um artigo de Ana Martins no semanário Sol.*

*As 27 funções da palavra "que": Verdadeira palavra mágica da nossa língua* é o título do livro de José Perea Martins, editado pela brasileira Ediouro. Que a palavra **que** tenha 27 funções é ótimo, mas que ela apareça 27 vezes num mesmo texto breve é dramático.

Centremo-nos apenas no **que** como pronome. **Que** introduz uma oração relativa e não tem significado por si próprio: vai buscá-lo a uma expressão antecedente, na oração superior. Assim, na frase «O Zé não fez o trabalho que eu lhe pedi», **que** retoma «o trabalho». Acresce que a oração relativa (sublinhada) aduz uma qualificação ou propriedade a essa expressão antecedente — por isso é que estas orações também são conhecidas por «orações adjectivas». Mas, ao contrário dos adjectivos, que podem aparecer em grande número, não sem custos estilísticos e comunicativos, a adjunção excessiva de orações relativas tem, para além disso, implicações na estrutura da frase.

Vamos aos exemplos da escrita real:

«Ilda Figueiredo, que falava na terça-feira à noite naquele que foi o comício que reuniu mais público nesta campanha, (...)», (*Lusa*, 3/06/09). «Ilda Figueiredo» é deixada para trás e imediatamente a frase galopa noutra sentido, atrás de outro tópico, «o comício». Felizmente que **Ilda**, que é pessoa, se distingue bem de **comício**, que é evento. A mesma sorte já não tem estoutra frase: «Mário Soares evocou o papel de opositores aveirenses como Mário Sacramento, Álvaro Sampaio e João Sarabando, mas também o governador civil que permitiu a realização dos três congressos, Vale Guimarães, que veio a ser mandatário da sua primeira candidatura presidencial, gesto que diz não esquecer.» (*Lusa*, 16/05/09): quem veio a ser mandatário de quem e quem não esqueceu o gesto de quem? Para cada pessoa enumerada há uma oração relativa: a frase não aguenta e afunda-se.

## Ao correr da tecla

Ana Martins, 06.10.2008

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/pelourinho/ao-correr-da-tecla/1960>

*Sobre a escrita oralizante numa recensão de cinema — um artigo de Ana Martins no Sol.*

A avaliação da qualidade de um jornal, em papel ou *online*, recai sobre os chamados "textos nobres", textos longos, elaborados sob o peso dos grandes géneros jornalísticos: a notícia, a reportagem e a entrevista.

Depois há os textos mais ligeiros, como os *fait-divers* ou os anúncios de eventos culturais. Estes textos são textos menores do ponto de vista da relevância social e da exigência cognitiva. Mas tal não quer dizer que possam ser escritos atabalhoadamente.

Um exemplo: um resumo de um filme.

«*Mamma Mia!* Um musical que inclui canções conhecidas do grupo de música *pop* sueco os ABBA e conta com a história de uma mãe, Donna (Meryl Streep), que educa a sua filha sozinha, Sophi (Amanda Seyfried), que está prestes a casar-se. Donna precisa superar o facto de que irá ficar sozinha e convida duas amigas especiais para o casamento da filha, do tempo que era vocalista de uma banda (...)» (*Expresso* > *Escape* > *Cartaz*, consultado em 25/09/08).

O que salta à vista é a rajada de "ques": valem-se do **que** para não ter de fechar a frase e começar uma outra, com reconstituição do sujeito («que inclui... que educa... que está prestes...»). O **que** serve também de remendo, para tapar um buraco na sintaxe («o facto de que irá ficar sozinha»).

Mas não há só excessos aqui; há também escassez, por exemplo, de preposições: não se diz «tempo que», mas «tempo em que»; nem é «Donna precisa superar», mas sim «Donna precisa de superar».

Nesta escrita de afogadilho ainda há mais um atropelo: o filme «inclui canções conhecidas do grupo de música *pop* sueco os ABBA». Teriam os ABBA de estar mesmo senis para já não conhecerem as músicas que eles próprios fizeram... Com a pressa nem houve tempo para dizer o que se queria dizer: que as canções são conhecidas do grande público e da autoria dos ABBA.

## Somos a solicitar a V. Ex.<sup>a</sup>...

A. Tavares Louro, 30.05.2005

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/somos-a-solicitar-a-v-ex/14345>

### «Somos a solicitar a V. Ex.<sup>a</sup>...»

Share 3 Tweet 4 Email 0 Share 875

Queria saber o que é mais correcto:

«Somos a solicitar a V. Ex.<sup>a</sup> que se digne comparecer (...)», «Somos a solicitar que V. Ex.<sup>a</sup> se digne comparecer (...)»?

Ou será:

«Somos a solicitar a V. Ex.<sup>a</sup> se digne comparecer(...)»?

Obrigado pela vossa atenção!

Miguel Ponte Funchal, Madeira Portugal 26K

**1** – «Somos a solicitar a V. Ex.<sup>a</sup> que se digne comparecer» é a forma mais completa, porque a oração subordinante (ou principal) tem sujeito subentendido [nós], complemento directo [«que se digne...»] e complemento indirecto [«a V. Ex.<sup>a</sup>»]. O complemento indirecto valoriza a pessoa a quem é dirigida a carta.

**2** – «Somos a solicitar que V. Ex.<sup>a</sup> se digne comparecer...»

A oração subordinante (ou principal) tem o sujeito subentendido, o complemento directo é a oração integrante [«que V. Ex.<sup>a</sup> se digne comparecer...»] e não há complemento indirecto.

**3** – «Somos a solicitar a V. Ex.<sup>a</sup> se digne comparecer...»

Neste caso reaparece o complemento indirecto (a V. Ex.<sup>a</sup>) e é omitida a conjunção integrante que.

Conclusão:

Estamos perante três opções estilísticas porque a mensagem é perfeitamente compreensível em qualquer dos casos.

Eça de Queirós dizia que elaborava os textos e depois procurava reduzir os **quês**, pois pareciam-lhe limitadores da fluência da leitura.

**N. E.** – Como reparará, corrigimos-lhe a forma errada como tinha escrito a **abreviatura V. Ex.<sup>a</sup>**. É assim que devemos escrevê-la.

## DE 5 PARA 2 E DE 3 PARA 0

À BBC, o professor adianta que os investigadores envolvidos acreditam que conseguiram demonstrar que há um mecanismo de transmissão patogénico que tem sido ignorado pelas autoridades de saúde e que pode mesmo contribuir para a rápida transmissão de agentes de doença em situações de epidemia.

### DE 5 PARA 2

À BBC, o professor adianta que os investigadores envolvidos acreditam que conseguiram demonstrar que há um mecanismo de transmissão patogénico que tem sido ignorado pelas autoridades de saúde e que pode mesmo contribuir para a rápida transmissão de agentes de doença em situações de epidemia.

À BBC, o professor adianta que os investigadores envolvidos acreditam ter conseguido demonstrar a existência de um mecanismo de transmissão patogénico que tem sido ignorado pelas autoridades de saúde, podendo este contribuir para a rápida transmissão de agentes de doença em situações de epidemia.

.....

DE 3 PARA 0

CIENTISTAS AUSTRALIANOS

## Ilha no Pacífico que consta nos mapas não existe

por Lusa, publicado por Aldara Rodrigues 22 novembro 2012



Fotografia © DR/Google Maps

**Cientistas australianos afirmam que descobriram que afinal uma ilha no Pacífico Sul que aparece em diversos mapas em todo o mundo há mais de uma década não existe, noticia hoje o jornal Sidney Morning Herald.**

FERRAMENTAS

PARTILHAR NOTÍCIA

93

0

Gosto 50

TAGS

[Google Earth, ilha](#)

Cientistas australianos afirmam **que** descobriram **que** afinal uma ilha no Pacífico Sul **que** aparece em diversos mapas em todo o mundo há mais de uma década não existe, noticia hoje o jornal Sidney Morning Herald.

DE 3 PARA 2

Cientistas australianos afirmam ter descoberto **que** afinal uma ilha no Pacífico Sul **que** aparece em diversos mapas em todo o mundo há mais de uma década não existe, noticia hoje o jornal Sidney Morning Herald.

DE 3 PARA 1

Cientistas australianos afirmam ter descoberto **que** afinal uma ilha no Pacífico Sul visível em diversos mapas em todo o mundo há mais de uma década não existe, noticia hoje o jornal Sidney Morning Herald.

DE 3 PARA 0

Afinal uma ilha no Pacífico Sul visível em diversos mapas em todo o mundo há mais de uma década não existe, noticia hoje o jornal Sidney Morning Herald, citando descoberta de cientistas australianos.

.....

## “Queísmo” - o uso exagerado da palavra QUE

Betty Vibranovski. 09.11.2015

<https://portuguessemisterio.com.br/2015/11/09/queismo-o-uso-exagerado-da-palavra-que/>

# “Queísmo” – o uso exagerado da palavra QUE

Betty Vibranovski / 9 de novembro de 2015



Como eliminar o uso abusivo da palavra “que” na frase abaixo?

Muitos candidatos do ENEM revelaram QUE desconheciam totalmente a matéria QUE constava dos programas QUE foram organizados pela banca QUE os examinava.

“QUE” é a palavra da língua portuguesa que aparece com mais frequência nos textos.

Essa palavra [tem dez diferentes funções](#), que possibilitam a construção de textos coerentes e coesos. No entanto, o uso exagerado da palavra “que” torna o texto pesado, dificultando o seu entendimento.

Exemplos:

1) Muitos candidatos do ENEM revelaram QUE desconheciam totalmente a matéria QUE constava dos programas QUE foram organizados pela banca QUE os examinava.

Veja uma forma de reestruturação:

- *Muitos candidatos do ENEM revelaram desconhecer totalmente a matéria constante dos programas organizados pela banca examinadora.*

2) Quando chegaram, pediram-me QUE devolvesse o livro QUE me fora emprestado por ocasião dos exames QUE se realizaram no fim do ano que passou.

Uma forma de reestruturação:

- *Quando chegaram, pediram-me a devolução do livro emprestado por ocasião dos exames realizados no fim do ano passado.*

Veja algumas saídas para suprimir os QUÊS:

1) Elimine “que é”, “que foi”, “que era”

- A população de Bogotá, (que é) capital da Colômbia já se acostumou com a insegurança nas ruas.
- O presidente do sindicato dos artistas, (que foi) famoso ator de teatro, pediu demissão do cargo.

2) Troque oração adjetiva por nome

- políticos que não são honestos = políticos desonestos
- criança que não tem educação = criança mal-educada

3) Reduza orações

- Assim que tiver terminado o curso, viajarei para a Europa. => Terminado o curso, viajarei para a Europa.
- Depois que tiver escrito o capítulo, farei os cortes. => Escrito o capítulo, farei os cortes.

4) Substitua a oração pelo termo nominal

- A sociedade exige que o deputado seja afastado. => A sociedade exige o afastamento do deputado.
- Ninguém duvida de que o povo é forte. => Ninguém duvida da força do povo.


.....

# O que fazer para que o 'que' não vire praga

“Xará, o que é que eu posso fazer para que o número de ‘ques’ que eu escrevo não seja maior do que o número de ‘ques’ que os bons escritores acham que é bom que se use? Qual é o truque que você usa?”  
(Sérgio Cintra) O problema exposto de forma bem-humorada pelo xará é [...]

Por **Sérgio Rodrigues** Atualizado em 31 jul 2020, 03h42 - Publicado em 10 jun 2014, 16h58

<https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/o-que-fazer-para-que-o-8216-que-8217-nao-vire-praga/>

  
“Xará, o que é que eu posso fazer para que o número de ‘ques’ que eu escrevo não seja maior do que o número de ‘ques’ que os bons escritores acham que é bom que se use? Qual é o truque que você usa?” (Sérgio Cintra)

O problema exposto de forma bem-humorada pelo xará é real. O “truque” que ele espera ver revelado, infelizmente, é uma miragem.

A palavra “que” tem de fato uma tendência à proliferação desmedida sempre que nos descuidamos. Principal cola

sintática da língua portuguesa, pode assumir o papel de pronome, conjunção, interjeição e até advérbio – para não mencionar o “quê” que, acentuado, vira substantivo – e é usada de forma bastante liberal na linguagem falada. Por escrito, porém, seu excesso é menos tolerado e costuma ser visto como denunciador de construções toscas e deselegantes.

Se um truque único não existe, há sim uma série de providências que podem ser tomadas para aliviar a presença do “que” num texto que esteja muito carregado dele. Consideremos o seguinte exemplo:

**“O que torna nosso orçamento insuficiente é que o produto X, que bateu o recorde de vendas desde que foi lançado, está mais caro do que outros que são idênticos, como Y e Z, mas que não têm o que X tem de mais valioso, e que vem a ser o fato de que todos os que conhecem o mercado acham que ele é incomparável, ainda que, objetivamente, não seja tudo isso que dizem.”**

Numa mensagem de 75 palavras, o “que” – ora como pronome, ora como conjunção – é usado 14 vezes.

Como exercício, reescrevi a mensagem, dizendo a mesma coisa de forma ligeiramente diferente. Ficou assim:

**“A insuficiência de nosso orçamento se deve ao fato de o produto X, recordista de vendas desde o lançamento, ter preço superior ao de outros idênticos, como Y e Z. Estes, porém, não têm a característica mais valiosa de X, ou seja, o fato de todos os conhecedores do mercado o acharem incomparável, embora, objetivamente, não seja tão bom quanto dizem.”**

Esta segunda versão é uma paráfrase que tem 62 palavras – 13 a menos do que a primeira – e nenhum “que”.

Não há mágica nisso, apenas a disposição de reescrever, exercício que nunca fez mal a texto nenhum: existe sempre mais de uma forma de dizer algo, e nem sempre a primeira que nos ocorre é a mais indicada.

No exemplo acima, o simples uso de um ponto no meio do texto eliminou um dos “ques”, com a vantagem adicional de conferir mais ritmo e clareza ao trecho. A supressão se deu em outros casos por puro enxugamento: havia excesso de palavras em “outros que são idênticos” (= “idênticos”) e “que bateu o recorde” (= “recordista”).

O “que” desapareceu também por pura sinonímia (“ainda que” = “embora”) e pela substituição de uma formulação verbal – neste caso, mera opção de estilo – por um substantivo: “desde que foi lançado” por “desde o lançamento” e “os que conhecem” por “os conhecedores”, entre outros.

Também empreguei, claro, o mais clássico dos recursos de eliminação do “que”: o uso do verbo no infinitivo, que transformou, por exemplo, “o fato de que todos acham” em “o fato de todos acharem”.

Uma advertência final: evidentemente, não se trata de evitar o “que” em todas as ocasiões e a qualquer custo. De jeito nenhum. O “que” merece respeito e carinho, e pelo menos num caso a formulação do primeiro texto supera a do segundo: “está mais caro do que” soa mais direto e natural do que “ter preço superior a”. O exercício de *quextermínio* feito acima tem valor apenas ilustrativo.

---



Postado em 16 de Fevereiro de 2007 - 03:00 - Lida 1983 vezes

## Evite o uso excessivo da conjunção "que"

---

Fonte: Luiz Cláudio Barreto Silva

<https://www.jornaljurid.com.br/noticias/evite-o-uso-excessivo-da-conjuncao-que>

**Luiz Cláudio Barreto Silva** O uso excessivo da conjunção "que" é criticado de forma contundente pela doutrina especializada. É considerado defeito de estilo. Os modernos revisores de textos na área da informática já efetuam o controle desse defeito. Poderia se objetar que a substituição do "que" é impossível em certos casos. Todavia, de acordo com a doutrina, existem recursos suficientes para a substituição como, por exemplo, pela vírgula, a título de elipse. Nessa linha de entendimento, com a sugestão de substituição do "que" pela vírgula, as oportunas considerações de **Marcus Cláudio Acquaviva**: "Outro defeito de estilo muito comum na redação forense é o excessivo abuso do "que" (pronomes relativos ou conjunção integrante). Silveira Bueno (op. cit., p. 107) apresenta os seguintes e jocosos exemplos: 1) Disseram-me que o homem que aqui veio, que me procurou e que não quis deixar o nome, é o mesmo que ontem me telefonou... 2) A moça, que estuda, que toca piano e que pinta, pode considerar-se de talento...3) Quiseram que o enfermo se recolhesse ao hospital, mas, a família ordenou que o levassem, para o interior...Como resolver essa abusiva repetição? Substituindo o " que" pela vírgula, a título de elipse".<sup>(1)</sup> Em igual sentido, com sugestões e exemplos para substituição da conjunção "que", a orientação de **Eduardo de Moraes Sabbag**: "Há situações em que é possível omitir a conjunção 'que'. Tal partícula tem o condão de enlaçar as orações, mas é possível suprimi-la em abono da sonoridade. É o 'que elíptico'. Exemplos: Ele propõe seja reformado o prédio. Peço a você me forneça mais dados sobre o acusado. 'Pouco importa me batas pelo dobro'. 'Agora pedir-vos-ei a mercê que espero me concedais'.<sup>(2)</sup> Na mesma linha de entendimento, rotulando o defeito de estilo como "muletas da escrita", a lição de **Ézio Luiz Pereira**: "A utilização de sinônimos, por sua vez, concorre para que se evitem repetições enfadonhas, as redundâncias. Evite-se o uso excessivo do 'ai', 'então', 'que.....que.....que.....' etc. (verdadeiras muletas da escrita)".<sup>(3)</sup> É também a lição de **Regina Toledo Damião e Antonio Henriques**: "Tanto na Contestação, quanto na Inicial, o redator deverá escapar do excesso de "quês", formulando cada parágrafo gráfico em torno de um assunto, expondo de maneira clara e objetiva".<sup>(4)</sup> Portanto, em atenção ao posicionamento da doutrina, e em abono da sonoridade, o uso excessivo da conjunção "que" deve ser evitado, utilizando-se, para a supressão, as orientações doutrinárias supramencionadas.

